

Produção de significados: uma proposta de metodologia fenomenológica¹

Ana Paula Chaves²

Viviane Mendonça²

Conhecer o outro na relação: a intersubjetividade enquanto instrumento de pesquisa

A pesquisa fenomenológica, a despeito de outros tipos de pesquisa, não parte de hipóteses pré-estabelecidas sobre o fenômeno a ser estudado, mas vai ao encontro da experiência vivida para extrair dela os significados que irão configurar produção de conhecimento acerca deste fenômeno. Para nós, esta produção de conhecimento apenas pode ser concebida na esfera da intersubjetividade, no movimento dialógico dos participantes da pesquisa visando uma transformação existencial, quer dizer, o aparecimento do novo (a fala original, assim como proposta por Merleau-Ponty na obra *Fenomenologia da Percepção* de 1967, (apud AMATUZZI, 1989). Este aparecimento do novo, por sua vez, irá transformar a realidade na qual estão inseridos os participantes da pesquisa.

Este movimento dialógico no qual a produção de conhecimento sobre experiências vividas é configurado, de acordo com a perspectiva filosófica de Martin Buber, consiste em um falar-para peculiar e um escutar também peculiar que possibilitam uma comunicação entre mundos interiores através do qual os interlocutores podem se dar a conhecer. É um movimento que prioriza a relação, onde o diálogo acontece.

O conhecimento aí produzido se dá através de uma relação empática. Nesta relação o outro é sempre parceiro ou coparticipante da pesquisa, nunca objeto de conhecimento. É uma relação que possibilita a criação e recriação de si mesmo. O outro é compreendido em sua particularidade, ou seja, em sua diferença. O que acontece nesta relação é uma abertura à diferença do outro, o deixar-se afetar pela outriedade, e este afetamento é recíproco (FONSECA, 1989). Quando se fala da relação empática da apreensão da particularidade do outro, está-se falando de uma elaboração do sujeito que a apreende, uma elaboração que se dá imaginariamente a partir de *uma fantasia do real* enquanto produto da intersubjetividade (BUBER, 1982). Esta elaboração configura a representação do outro na consciência e é a ele oferecida para confirmação.

¹ Comunicação Oral apresentada no I Encontro Científico de Psicologia do Instituto de Psicologia da PUCAMP, 08/11/1996, Campinas/SP.

² Mestrandas em Psicologia Clínica da PUCAMP. Membros do Grupo de Orientação Humanística (GROH) na Pós-graduação em Psicologia da PUCAMP.

Apoio: CNPq.

É neste fluxo de criação e recriação possibilitada pela relação empática que surge, portanto, o aparecimento do novo ou a fala original anteriormente citada. Esta fala cumpre o sentimento e o pensamento presentes na experiência, abrindo os participantes da relação para novos significados existenciais. Estes novos significados descobertos ou desvelados são denominados, de acordo com AMATUZZI (1989), *experiência primordial*. Esta experiência é préverbal mas descoberta pelo verbal.

Os novos significados criam novas possibilidades expressivas e existenciais, levando adiante a própria existência em seu constante devir. A fala original é um engendramento de significados, é um dizer-se a si mesmo.

Para Gendlin (*apud* LA PUENTE. 1978), o significado se constitui das relações funcionais estabelecidas entre símbolos e experiência (*experiencing*). A experiência é um movimento de integração do organismo com o meio que se volta para sentir a experiência percebida, iniciando um processo de formação de significado sentido (*felt meaning*) e de diferenciação de seus diversos aspectos. Esta criação de significados acontece no fluxo experiencial, abrangendo o passado e o presente, todas as experiências vividas e vivenciadas, de modo a produzir estes novos significados através de novas relações entre símbolo e experiência.

Acreditamos que é apenas a partir de uma relação empática que se pode chegar às falas originais, à produção de significados sentidos. A nosso ver, a proposta metodológica de pesquisa que assume uma atitude fenomenológica visando produzir significados da experiência vivida, apenas pode acontecer em um movimento dialógico, que permite conhecer o outro em sua outridade, em sua diferença. Afirmamos que os significados apenas se revelam na relação, no encontro de diferentes, nunca separados do mundo da vida. A elaboração de conhecimentos científicos, em uma perspectiva fenomenológica, está voltada para esta produção dos significados da experiência. São apenas esses significados que possibilitam a ampliação do conhecimento do fenômeno estudado.

Este trabalho é uma tentativa desta fundamentação de um tipo de pesquisa fenomenológica de depoimentos escritos, em que as análises desses relatos são feitas com a participação dos sujeitos e priorizando o movimento dialógico.

Propondo uma metodologia

A metodologia de pesquisa fenomenológica que propomos neste trabalho concebe a produção de conhecimentos na esfera da intersubjetividade, na relação entre os participantes da pesquisa, onde o significado do fenômeno emerge.

Consiste em duas etapas:

1. *Relatos de experiência*: elaboração de relatos de experiências significativas vividas referentes ao fenômeno investigado.

2. *Encontro dialógico*: encontro dos participantes da pesquisa (pesquisador e sujeito) para estabelecer uma relação empática no sentido de apreender o significado produzido da experiência vivida a partir dos relatos elaborados.

Esta segunda etapa é subdividida em três momentos:

a. *Apreensão dos significados produzidos*: neste momento tem-se o objetivo de, no diálogo estabelecido, apreender os significados produzidos a partir da experiência vivida através dos relatos elaborados. O pesquisador pede para o parceiro da pesquisa (sujeito) ler o relato por este elaborado. Durante a leitura, o pesquisador procura apreender empaticamente os significados das experiências vividas pelo sujeito presentes naquele relato, oferecendo a ele a apreensão para que esta seja confirmada ou não, até que ambos cheguem ao significado do vivido pelo sujeito a partir do que é expresso no relato.

b. *Atualização do relato*: pede-se ao parceiro de pesquisa que elabore um outro relato sobre a experiência vivida, a partir do que foi desvelado no momento anterior.

c. *Síntese do relato*: neste momento, tanto o pesquisador quanto o parceiro de pesquisa, buscam sintetizar o máximo possível o que foi desvelado no relato tentando destacar os principais sentimentos, pensamentos e atitudes. Em geral, este momento fica expresso em uma ou duas frases.

No caso de pesquisas que procuram investigar um ou mais processos (que necessitam de mais de um relato sobre a experiência em questão), sugerimos que ao final seja acrescentado um quarto momento nesta segunda etapa, que consiste em uma *Síntese geral* onde o pesquisador lê para o parceiro de pesquisa as sínteses elaboradas no terceiro momento e pede para este redigir um único texto contendo a síntese do que foi expresso acerca do vivido. Ao final da escrita, ele mostra seu texto para que o pesquisador possa fazer algum comentário caso seja necessário.

Quando a pesquisa envolver mais de um sujeito, sugere-se que o pesquisador inclua uma terceira etapa nesta metodologia, a *Síntese das sínteses*, que consiste em identificar o que há de comum entre as sínteses dos relatos dos sujeitos a fim de apreender o significado produzido da experiência referente ao fenômeno estudado para aquele grupo de sujeitos que participou da pesquisa.

Metodologia Proposta:

Breves Comentários

Podemos observar que a metodologia que propomos tem como característica uma priorização do processo experiencial e seu caráter de mudança, em detrimento dos aspectos estáveis dos relatos. Isto quer dizer que, não se detém apenas aos significados de conteúdos semânticos, mas aos significados sentidos que emergem do diálogo, às experiências vividas a partir dos relatos ao invés de suas implicações lógicas. Isto pode ser verificado nos momentos da segunda etapa, onde o pesquisador procura apreender empaticamente o significado das experiências vividas pelo sujeito.

Outra característica que podemos evidenciar nesta metodologia é a afirmação da pessoa enquanto um fluxo contínuo, ou seja, a afirmação da pessoa em constante *devir* na construção mútua dela com o mundo, onde os significados emergem. A experiência desta análise

fenomenológica facilita este processo que está sempre em movimento, pois a forma como foi estruturada a segunda etapa - enquanto processo de produção de significados, atualização do relato e a sua síntese estabelecida na relação entre pesquisador e sujeito - propicia a construção de novos significados que levam adiante a pessoa em seu *devenir*.

Neste sentido, este aparecimento do novo e este levar adiante a pessoa, além de facilitar a transformação existencial atua como um intercessor social, pois estes novos significados interferem na configuração do ambiente no qual ela está interagindo, no seu contexto social. Desta forma esta transformação existencial também é uma transformação da realidade em que a pessoa se insere. Afirmamos isto por não concebermos homem e mundo enquanto entidades separadas, mas sempre em constante interação e construção mútua.

Tendo em vista o que foi exposto, parece que o método utilizado de análise de relatos nos dá indicações de que seu uso pode contribuir para o desenvolvimento de uma pesquisa fenomenológica com ação interventiva clínica, uma vez que visa um processo experiencial que leva adiante o crescimento dos participantes enquanto pessoa, e não apenas a ampliação do conhecimento científico por si (embora este seja fundamental).

Contribui ainda para o aperfeiçoamento de novos métodos de ensino em *psicologia clínica* que priorizam o treinamento de uma escuta terapêutica de orientação existencial-fenomenológica, no sentido de funcionar como um instrumento a mais que permita ao aprendiz de psicologia exercitar a escuta terapêutica que prioriza a compreensão empática e a confirmação do outro em sua diferença.

No entanto esta metodologia necessita ser aprimorada em seus aspectos teóricos e práticos, visto seu caráter inédito de análise de relatos, que não se detém apenas nos conteúdos expressos explicita ou implicitamente, mas ao processo experiencial por eles suscitados.

Referências Bibliográficas

Amatuzzi, M. M.(1989) *O Resgate da Fala Autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. São Paulo, Papirus, 1989.

Buber, M. (1974) *Eu e Tu*. São Paulo, Ed. Moraes. Buber, M. (1974) *Do diálogo o e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.

Fonseca, A. H. L.(1989) *Empatia e Dialogicidade. A tensão da diferença como condição de possibilidade da relação empática*. Centro de Estudos de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial Maceió, (texto não publicado).

La Puente, M. (1978) *O Ensino Centrado no Estudante: renovação e crítica das teorias educacionais de Carl Rogers*. São Paulo, Cortez & Moraes.